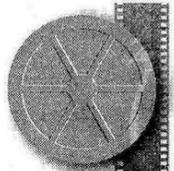


# FILÃO RESGATADO

José Rezende Jr.  
Da equipe do Correio



29º FESTIVAL  
DE BRASÍLIA DO CINEMA  
BRASILEIRO

O cinema redescobriu o filão do cangaço, em filmes como *Corisco e Dadá*, de Rosenberg Cariry, exibido quarta-feira na mostra competitiva do 29º Festival de Brasília. Hoje, é a vez de *O Baile Perfumado* contar a verdadeira história do dia em que o cinema descobriu o cangaço.

Longa-metragem de estréia dos pernambucanos Paulo Caldas e Lírio Ferreira, *O Baile Perfumado* mostra a trajetória do libanês Benjamim Abrahão, dublê de mascate e cineasta, que em 1936 filmou as primeiras e únicas imagens de Lampião, o rei do cangaço.

Rodado entre junho e julho do ano passado, em quatro estados nordestinos (Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas), o filme só ficou pronto em cima da hora de participar do Festival. Até agora, foi assistido por apenas oito pessoas da equipe. Hoje, deverá ser visto por uma platéia pelo menos 100 vezes maior.

“O Festival de Brasília é famoso por ter um público sempre muito participativo. Vai ser um excelente termômetro para o filme”, entusiasma-se Lírio Ferreira, em entrevista ao *Correio Dois*.

Três atores estreados vivem os personagens centrais de *O Baile Perfumado*. O paraibano Luís Carlos Vasconcelos faz um Lampião amante de cinema e perfume francês. O pernambucano Aramis Trindade é o violento e bem-humorado tenente Lindalvo Rosas, que sonha entrar para a história como o matador de Lampião.

Aproveitando a semelhança física com o cineasta-mascate, Duda Mamberti é Benjamim Abrahão. Filho de Sérgio Mamberti, Duda contracenava com o tio, Claudio Mamberti, que faz o papel do coronel João Libório, um dos principais coiteiros de Lampião (fazendeiros que davam guarida ao cangaceiro).

Os dois filmes de cangaço que disputam o Festival de Brasília (há um terceiro, *O Cangaceiro*, de Anibal Massaini, que ficou de fora) têm alguns pontos em comum.

Lampião e Maria Bonita aparecem tanto no pernambucano *O Baile Perfumado* quanto no cearense *Corisco e Dadá*. Benjamim Abrahão, personagem central do primeiro, faz uma rápida aparição no segundo, exatamente filmando Lampião e Maria Bonita. Chico Diaz, protagonista do filme de Cariry, está no elenco do longa de Ferreira e Caldas, no papel do coronel Zé de Zito, outro coiteiro de Lampião.

“Cada um desses filmes tem uma abordagem diferente do tema”; ressalva Cariry. “O cangaço ainda tem muita história para contar”, concorda Lírio Ferreira. Para ele, o cangaço é uma fonte inesgotável de histórias.

“Cada vez que você conversa com um velho cangaceiro, ouve uma his-

Fred Jordão



Lampião e Maria Bonita, que já foram vistos em *Corisco e Dadá*, voltam a aparecer em *O Baile Perfumado*, longa-metragem de estréia dos pernambucanos Paulo Caldas e Lírio Ferreira

tória bonita diferente. O cangaço é um gênero altamente cinematográfico pelo que tem de belo, de místico, de aventura, de pictórico, de antropológico”, elogia Lírio.

E *O Baile Perfumado* mostra Benjamim Abrahão como uma espécie de precursor do filão que, mais tarde, renderia clássicos como *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha.

Só que, além de buscar imagens documentais, o mascate libanês tinha objetivos menos artísticos que seus seguidores: ganhar dinheiro, muito dinheiro com as imagens inéditas de Lampião.

Com raro talento para o marketing, Abrahão foi quase um relações públicas do Padre Cícero. Era ele quem se encarregava de intensificar o comércio religioso em torno do homem com fama de santo.

Consta que numa de suas bênçãos anuais, nas quais eram vendidas velas e outras mercadorias sagradas, Padre Cícero percebeu um número anormal de fiéis. Indagou ao *marqueiteiro* o motivo da mega-romaria.

— É que eu espalhei pelo sertão que esta seria a sua última bênção, respondeu Abrahão.

— Mas e quando eu for dar a bênção novamente no ano que vem?, insistiu o *Padim Ciço*.

— Ah, aí o senhor diz que ela, sim, será a sua última bênção, encerrou o futuro cineasta.

*O Baile Perfumado*, no entanto, começa com a agonia e morte do Padre Cícero, o que leva Abrahão a buscar fama e fortuna às custas do outro grande mito nordestino da época.

Ele consegue equipamento de cinema com um produtor e rumo para o sertão, no encalço de Lampião e Maria Bonita. E filmar os 11 minutos que, 60 anos depois, fariam dele personagem de um outro filme. Os mesmos 11 minutos que, em vez, de fortuna, trariam um fim trágico.

## SERVIÇO

**O BAILE PERFUMADO**  
Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Com Luís Carlos Vasconcelos, Aramis Trindade, Duda Mamberti. Cine Brasília, às 20h30.

## CRÍTICA

### PERFUME DE CANGACEIRO

Ao contrário das imagens delirantes e da narrativa não-linear de Cariry em *Corisco e Dadá*, Ferreira e Caldas contam de forma tradicional a trajetória de Benjamim Abrahão. O que não desmerece *O Baile Perfumado*. Afinal, um bom filme é, antes de tudo, uma boa história bem contada.

*O Baile* parte de uma boa história, exaustivamente pesquisada pelos diretores. Eles tiveram acesso às imagens de Lampião registradas por Abrahão. E usaram cerca de três minutos dessas cenas.

Caldas e Ferreira mostram um Lampião violento, mas de hábitos sofisticados, amante do perfume

francês com o qual o bando se encharca antes dos bailes.

Vaidoso e apaixonado por cinema, como mostra a pose a la Rodolfo Valentino na sua foto mais famosa, Lampião vê no filme de Abrahão a possibilidade de expandir a fama. Abrahão, por sua vez, quer mesmo é ganhar dinheiro.

As pretensões da dupla esbarram no problema que outros cineastas e personagens enfrentariam muitas vezes no futuro: a censura. O governo não gostou de ver um bandido mostrado em cenas descontraídas, enquanto sua polícia tentava inutilmente agarrá-lo.

Lírio e Caldas optam pela ver-

são não-oficial para a morte de Abrahão. Sem poder exibir o filme e endividado, o mascate-cineasta teria chantageado seus ex-financiadores, os coiteiros de Lampião, ameaçando denunciar o esquema que conhecia como poucos. As 42 peixeiradas seriam, então, uma queima de arquivo.

Essa é a boa história de *O Baile Perfumado* — que nem sempre é bem contada. A decadência e morte de Abrahão ficam um pouco confusas. Mas o filme vale pela boa história, o elenco jovem e talentoso e a trilha sonora radical, onde o mangue de Chico Science inunda o sertão. (J.R.Jr.)